

VOTE NU
(por uma política sem vestes)

Natasha de Albuquerque

Resumo: Este artigo disserta sobre o cenário de crise política, a perplexidade ante a Arte Contemporânea e a crítica da nudez enquanto arte. O corpo é a nossa principal arma política por desafiar as amarras sociais e testar outras corporeidades. Também é proposta a disseminação da frase “VOTE NU” como uma campanha política a favor da nudez, da liberdade, do desnudamento político e social. Lutamos por uma nudez de protesto, anarquia e deboche a partir de uma estética do escândalo e de superexposição.

Palavras chave: Nudez, Protesto, Vote Nu, Arte Contemporânea.

*O que atropelava a verdade era a roupa,
o impermeável entre o mundo interior e mundo exterior.*

A reação contra o homem¹ vestido.
Oswald de Andrade

A problematização da nudez que envolve as instituições artísticas ocorreu em massa no Brasil a partir de 2017. Esta situação funcionou como uma “*cortina de fumaça*” e pareceu um tipo de manobra política para desviar a atenção popular dos escândalos de corrupção na política brasileira. O debate social sobre o que é inadmissível se radicalizou nas redes sociais, nas ruas, nas relações sociais e oscilou entre a política e a arte contemporânea. Na arte, o corpo despido foi questionado e gerou reflexão sobre a nossa História Pós-colonial que pouco se pergunta: por que vestido?

Todos sabemos que a cultura da roupa ocidental no Brasil aconteceu a partir de sua colonização. Antes dos processos “*civilizatórios*” e catequizantes, a família tradicional brasileira que aqui vivia, estava nua. Hoje, a nudez pode ser muito tensa quando se percebe na cultura uma herança teológica muito forte; inclusive é criminalizada em espaços públicos porque evidencia-se na jurisdição forte influência cristã. O atentado violento ao pudor é determinado pelo tabu subjetivo do que é libidinoso e constrangedor, varia de pessoa para pessoa e de corpo para corpo ao ser considerado incômodo ou não. Questionamos o tabu enquanto limite social por querer uma política laica, libertadora e sem vestes.

Diz Giorgio Agamben (2014): o tabu está extremante ligado aos olhos condicionados à herança teológica que remete à história de Adão e Eva na seguinte ação: ao comer o fruto, eles abriram os olhos e perceberam que estavam nus.

Nesta mitologia eles estavam nus antes, mas não percebiam. A “*descoberta*” do corpo foi a percepção de sua nudez, pois, ao comer o fruto, perderam o “véu da graça” e perceberam sua natureza humana “*imperfeita*”. “*O problema da nudez é, portanto, o problema na natureza humana na sua relação com a graça (...) quer dizer que o pecado não introduziu o mal do mundo, mas simplesmente o revelou.*” (AGAMBEN, 2014, p.95 - 100).

Ao ser relevada a nudez da corporeidade humana, para os cristãos, vem a vergonha. Lutamos enquanto humanos por querer tirar as roupas e brincar com nossos próprios órgãos. Queremos que nossas percepções sejam nuas, que os corpos estejam vivos, plenos ou avessos como um *corpo sem*

¹ Grifo nosso. As citações que possuírem a palavra homem para designar o genérico de ser humano serão tachadas.

órgãos (DELEUZE). Questionamos a revelação do corpo como defectiva, vemos no erro um efeito, assumimos as imperfeições e o desnudamento de tudo. Na expulsão do éden, a sensação de despertencimento; na arte, a ocupação nua e plena de todos os lugares possíveis.

Para Agamben, a nudez é uma natureza nunca alcançada por completo, é infinita e nunca cessa de acontecer. Podemos nos desnudar incansavelmente e nunca cessar de vestes e amarras a serem despidas. A olho nu, desvendamos as camadas duras do corpo para ter um encontro direto de simbiose e embate com as coisas. A nudez começa no corpo em sua imanência com o mundo e total falta de fronteiras. O corpo, a pele e os órgãos se misturam e se contaminam com o espaço e com todos que estão em volta.

A nudez, em momentos de debate político, acontece também como um desarmamento e como manifestação de confiança no outro, confiança em si, autodomínio, reconhecimento e imposição. Muitos ficam nus como forma de manifestação política para evidenciar um ponto, uma questão agravante. Podemos pensar como seria uma política nua e explícita, como seria se todos os políticos estivessem nus e sem farsas. Também podemos simplesmente não ver dicotomia entre a nudez e a veste.

Podemos fazer política quando fazemos da nudez a nossa arte, o nosso posicionamento e quando evidenciamos o que somos de forma crua. Política não é apenas aquilo que movimenta discursos, são também nossas ações que implantam formas de viver, as relações com o mundo; é nossa performatividade cotidiana, nosso corpo, nossa resistência. A arte gera política por desbravar possibilidades e outras formas de viver - utópicas ou absurdas - nos dois sentidos, ao mesmo tempo. Nela, se produz dissensos e se compõe lugares possíveis. Por ela, redimensiona-se as relações para se chegar no impensável; reconfigura-se o mundo sem fórmulas e sem consensos, numa linguagem de interrogações, desentendimentos e novas possibilidades.

No nosso entender, a política da arte incide sobre o que vemos, o que queremos esconder e o que não queremos ver; incide sobre o que podemos dizer, sobre o que calamos e sobre o que não nos foi dado dizer; incide sobre quem tem a competência de ver, de olhar, de sentir; sobre os que não têm a competência de tocar, sobre os que foram/estão cegos e/ou foram cegados pela sociedade hiperindustrial. (MEDEIROS, 2014, p. 9)

Segundo Medeiros, a relação entre política e arte está na visibilidade, ou melhor, no que é possível

acessar, no que é possível trazer enquanto imagem de mundo, no quanto podemos modificar os meios, na diferença que podemos criar para além dos sinais normatizantes. A arte se instaura socialmente como um micro-poder político de expressão inexplicável, que subverte controle civil e o Estado fazendo parte dele; como uma transparente vontade de poder e de potência².

Podemos citar Antônio Manuel, artista português radicado no Brasil. No ano de 1970 ele inscreveu no 19º Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro o trabalho “*O Corpo é a Obra*” que consistiu nas medidas de seu corpo e seus dados pessoais apenas.

Ao ter seu trabalho rejeitado pelos júris, Antônio Manuel compareceu na abertura do Salão e desceu as escadas NU, remetendo à pintura de Duchamp *Nu descendo as escadas* (1912). Com tal atitude, o artista desafiou a estrutura de seleção e a montagem da exposição, desafiou o pudor em uma época de ditadura militar e exaltou o exercício de liberdade artística. Segue seu depoimento:

Comecei a perceber a temática do corpo. Afinal era ele que estava na rua, sujeito a levar um tiro, receber uma pedrada, uma cacetada na cabeça, então imaginei usar o meu próprio corpo como obra. Decidi inscrevê-lo no Salão de Arte Moderna de 1970. Na ficha de inscrição escrevi como título da obra meu nome, as dimensões eram as do meu corpo, etc. Fui cortado. [...] Eu me dirigi ao Museu de Arte Moderna e lá cheguei uma hora antes da inauguração. Aí me veio a idéia de ficar nu. Nada foi programado, a idéia surgiu ali como fruto de um sentimento de asco e de repulsa. As pessoas no *vernissage* ficaram atônitas, mas naquela meia hora eu me senti com uma força muito grande. (MANUEL, 1986)

O corpo é a nossa principal arma política, além de ser grande potência para a arte e para a poética. Gerar visibilidade do corpo em contextos inapropriados gera reboliço e a reflexão: Por que nu? Mas porquê vestido? A aparição do corpo é considerada aqui como forma política por transmitir sensações e gerar de maneira intrínseca questões sobre gênero, cor e sexualidade, e como forma debochada por desafiar as possibilidades de inserção uma vez que nos despimos das amarras sociais.

O corpo quando reprimido, coberto, mudo e proibido é considerado transgressor e deliberado no momento em que fala sobre sua repressão e se liberta dela (FOUCAULT, 2014). O poder de fala e aparição vem como presença potente destes corpos em práticas “*transgressoras*”. Desconstruir os

² Termo utilizado por Friedrich Nietzsche <https://razaoinadequada.com/2013/07/15/nietzsche-vontade-de-potencia/>

limites e aumentar os atritos ajuda a construir novas significações, novas políticas e novos caminhos.

A ação decisiva é o desnudamento. A nudez (...) é o estado de comunicação que revela a busca de uma continuidade possível do ser para além do fechamento em si mesmo. Os corpos se abrem à continuidade através desses canais secretos que nos dão o sentimento da obscenidade. A obscenidade, significa a perturbação que desordena um estado dos corpos conforme a posse em si, a posse da individualidade duradoura e afirmada. (BATAILLE, 2014, p.41)

Em cada nudez, uma possibilidade de diálogo, troca, grito, mistura, perturbação e multiplicidade. A obscenidade do corpo desnudo, segundo Bataille, opera no erotismo que atinge o ser em seu mais íntimo, em seu tremor, na passagem do estado normal para uma ordem descontínua, destituída. O que Bataille quer dizer é que somos seres descontínuos, distintos uns dos outros; em tal distinção há abismos. O erotismo estaria em pular no abismo, na queda - pelo desejo de se derramar no outro. A busca de uma fusão é fruto da descontinuidade do ser, em busca de continuidade e multiplicidade – oposta à individualidade afirmada. O erotismo vem da sensação de quebrar os limites, as barreiras individuais, as barreiras sociais e na transgressão da normalidade.

No tremor do corpo, na potência de sua visibilidade ou num debochado *bundalelê*, gera-se a dúvida da nudez deste trabalho enquanto performance, arte ou *strip tease*, pornografia, pós-pornô, erotismo, baixaria ou como manifestação política, denuncia, crítica, reflexão, ou até como algo gratuito, *fuleragem*, amadorismo, sem cabimento. Seriam todas estas juntas? Tanto faz. Deixamos em aberto os deslizos de uma produção que habita todos os lugares possíveis, que provoca prazer e reboiço, reflexão e festa.. Vestidos, desvestidos ou com apenas um mamilo aparente, nossos posicionamentos mudam de lugar numa dança ambígua de encaixes.

OFICINA DE NUDISMO

VOTE NU é uma ideia que surgiu entre amigos em 2015, com Leonardo Paiva, Rafael Fita e Natasha de Albuquerque. Estávamos nus, rindo e de repente o trocadilho surgiu. VOTE NU aparece

como uma frase óbvia, porém nova ao nosso vocabulário e correspondente ao que estávamos vivendo. Alguns meses depois vi por acaso um balão rosa murcho voar longe pela plataforma da Rodoviária de Brasília - me parecia um peitinho voando, dançando no ar, perdido no vento de uma paisagem gigante e urbana. Ao viajar no ar junto ao peitinho de balão, foi então que projetei a instalação chamada “Oficina de Nudismo”:

Consiste em um ambiente em que as pessoas possam ficar nuas legalmente. Podendo ser ambiente sala inteiramente coberta de cartazes com a frase “VOTE NU”. Na entrada, ficará a seguinte placa ‘faça o que quiser, até ficar nu’ e uma arara de roupas para que o público se sinta à vontade de abandonar suas roupas enquanto ocupa e resiste. O ambiente será imerso de peitinhos voadores que são feitos de balões em tonalidades corporais enchidos parcialmente para que adquiram mamilos poéticos. Os peitinhos ocuparão todo o chão do ambiente, sendo assim a definir a quantidade (entre 300 a 1000 balões). O espaço deve ser visualmente isolado, no sentido em que pessoas de fora não consigam ver o que está dentro. Nas paredes, cartazes escritos ‘vote nu’, porém elas poderão ser despidas durante a exposição. (ALBUQUERQUE, projeto oficina de nudismo, 2015)

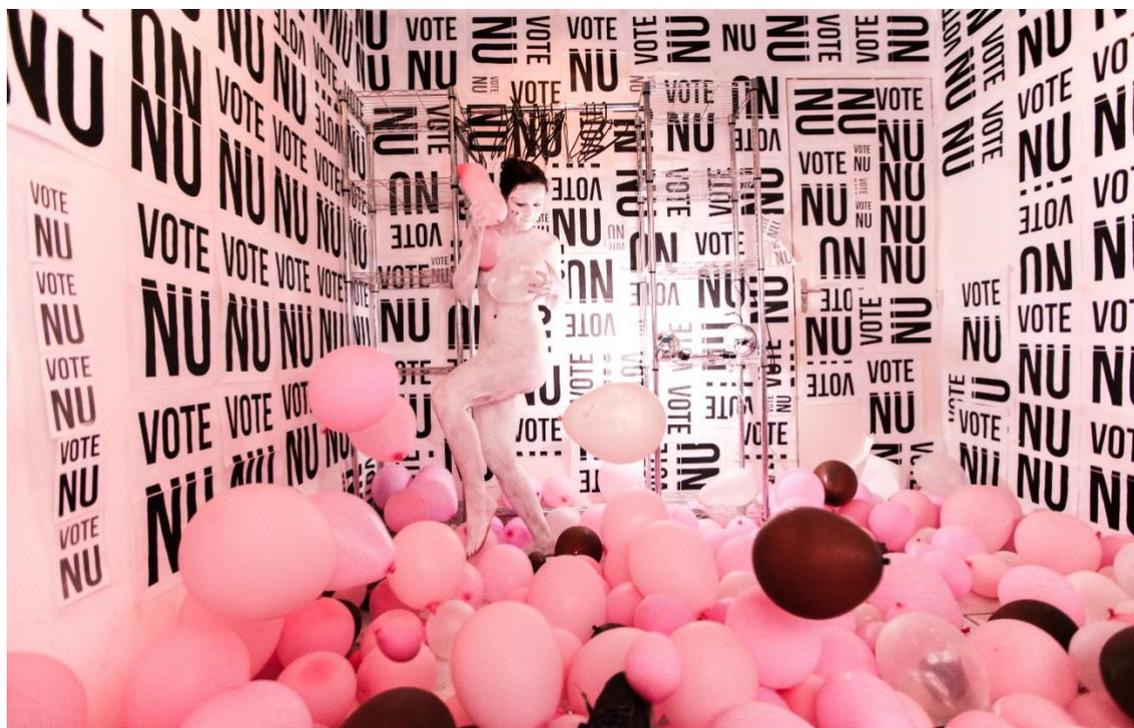


Figura 1: Oficina de Nudismo. Proposta por Natasha de Albuquerque.
Foto e edição: Bruno Corte Leal. Exposição "Transitório Permanente". Galeria Elefante, Brasília, 2016

O projeto rodou em alguns editais de seleção até conseguir sua realização em 2016 na “*Transitório Permanente*” na Galeria Elefante (figura 1). A curadoria da exposição visava tanto a mutabilidade da performance, como categoria histórica, quanto a sua possibilidade de ser exibida: trabalhos ao vivo e também os registros no formato fotográfico e em vídeo.

Foi reservado um quarto somente para a instalação “*Oficina de Nudismo*”. Durante a exposição, ou realização da “*oficina*”, cerca de 40 pessoas ficaram nuas e assim transitaram pela galeria. Algumas desnudavam-se e vestiam-se diversas vezes. Muitos queriam apenas olhar a sala sem entrar e sem tirar as roupas. Com pessoas tímidas, despidas e eufóricas, a oficina foi se formando aos poucos. Na porta, havia um cartaz de instruções:

OFICINA DE NUDISMO

1. Faça o que quiser, até ficar nu.
2. Não é necessário respeitar a obra, mas respeite as mina.
3. O nu é totalidade do corpo, trate as pessoas como nus.
4. Votar é uma questão de posicionamento, não é necessário um posicionamento que já exista.
5. Um corpo sem órgãos é capaz de sentir o avesso, assim como você pode fazer do outro corpo o seu órgão.
6. Um corpo aberto é vivido como mistura, assim respiramos o mesmo ar juntos e misturadinhos.
7. Esta sala é um espaço vazio e lugar a ser construído, mas fora dessa sala é lugar normativo a tomar cuidado: não é responsabilidade da proposta cuidar de nus fora dessa sala. Busque testar os limites do espaço.
8. Qualquer banheiro é eternamente legalizado a se posicionar nu.

PROPOSTA POR NATASHA DE ALBUQUERQUE

Como a maioria das obras participativas, foram necessários convites diretos para que os visitantes da exposição ficassem sem roupas. Aos poucos, aumentava o número de pelados na galeria, que, transitavam inclusive fora da sala destinada. As relações de tensões foram acontecendo ao misturar vestidos e desvestidos no mesmo ambiente. Quanto mais pessoas se desnudavam, maior o

despojamento da conduta nua e tensão vestida.

Os participantes pediram por uma condução corporal da propositora: *“Pegue um balão, encoste no seu corpo e sinta os seus órgãos; posicione-se de uma maneira que nunca esteve antes. Quantos fazem seus órgãos? O quanto se misturam?”*. Muitos não entenderam bem o comando. Espontaneamente nos misturamos, corremos em círculos no quarto cheio de gente, de balões voando, de peitos balançando, pintos balangando e um coro se formou:

Coro Nu

(Desconhecido)

The musical score is for a four-part vocal chorus. It begins with a tempo marking of ♩ = 95bpm. The Soprano part is written in treble clef and consists of a series of quarter notes on a single pitch, with a dynamic marking of *f* and the lyrics "nu nu nu nu...". The Contralto part is also in treble clef, with a dynamic marking of *f* and the same lyrics. The Tenor part is in treble clef with a dynamic marking of *f* and the same lyrics. The Bass part is in bass clef with a dynamic marking of *f* and the same lyrics. All parts are in a single melodic line with a consistent rhythm.

A oficina de nudismo teve caráter imersivo para o lance em uma experiência de nudez coletiva num ambiente inteiro destinado a isso. O importante aqui é a experiência.

Os nudistas não *“despiram”* os cartazes da sala como o esperado. Ao desmontar a exposição, os papéis foram guardados. Posteriormente, parte dos cartazes utilizados na exposição foram distribuídos para a Ocupação do prédio da Funarte de Brasília em 2016 (figura 2) - tomando corpo em um contexto político e artístico de protesto contra a extinção do Ministério da Cultura (MinC) e contra o governo Temer recém assumido. Novamente, VOTE NU ocupou e resistiu.



Figura 2: Ocupação FUNARTE com cartazes VOTE NU. Colagem por Lúcio de Araújo. Brasília, 2016.

No mesmo ano, a outra parte dos cartazes foi distribuída em rede nacional organizado pelo *Circuito Grude* (site <https://circuitogrude.wordpress.com/>): circuito livre de trocas de lambes, via correio, entre coletivos e artistas independentes de diversos lugares, para realização de colagens em espaços urbanos. Esta é uma rede de cartazes lambe-lambes que procura aumentar as trocas simbólicas, as possibilidades de conexão, colocar em parcerias artistas e movimentos que estão intervindo em distintos contextos urbanos. Os cartazes VOTE NU foram para as cidades do circuito: Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Macapá, Natal, Porto Alegre, Porto Velho, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, Teresina e Vitória –com o tema “*Grude pela democracia!*”. Qualquer um poderia ter pensado na frase VOTE NU, como já haviam pensado. Além de algumas postagens anônimas de pichações e lambe-lambes com a frase; o artista José Mário Peixoto, conhecido como Zmário já havia distribuído panfletos com esta ideia (figura 3) durante a *Mostra osso de Performances* em 2012. Em plenas eleições, Zmário foi para ruas próximas às zonas eleitorais, deixou o “*cofrinho*”³ aparecendo e distribuiu o panfleto com a imagem de uma urna eleitoral e de uma de bunda juntas da frase:

“*Nestas eleições, vote nu*”

Na intenção de ironia e deboche o artista provocou vários risos como também viu desgosto das pessoas. Uma senhora chamou a polícia para deter Zmário alegando que ele estava fazendo propaganda eleitoral em zona eleitoral. Ele fugiu da vista da senhora e continuou a panfletagem.

³ Pequena parte das nádegas.

NESTAS ELEIÇÕES: VOTE NU!



Figura 3: *Nestas eleições vote nu.* Proposta de Zmário para transeuntes. Mostra OSSO de Performances. Salvador, 2014.

A campanha VOTE NU teve total necessidade de ser reativada em 2017. Como citado anteriormente, em 2017 a problematização da nudez vem à tona nas mídias de massa ascendendo a contraditória cultura de ódio à arte. A contradição está na própria cultura que - aceita o carnaval, aceita uma publicidade de conteúdo majoritariamente sexual e apelativo, que tem acesso fácil à pornografia, faz uso desta e que tem como laço histórico a cultura original indígena, que nasce nu, que toma banho nu - mas que abomina a nudez entendida como corporeidade, como expressão artística, como poética.

Forma-se uma massa de “FORA NUS” que está acostumada em ver certo tipo de nudez mas que abomina outros. Qual tipo nudez é aceito? Porque outro tipo de nudez incomoda? O quanto a própria naturalidade do corpo é inadequada?

A grosso modo, o “*outro tipo de nudez*” é categorizado pelos “FORA NUS” como corpo obsceno, corpo estranho, absurdo, que não pode existir. Talvez a obscenidade esteja em ver a nudez que ultrapassa o padrão do “*agradável*” entendido como corpo da indústria da beleza. Estranho? Não seria este seu próprio corpo nu? Na disseminação do VOTE NU, busca-se por tipo de nudez para além do idílico, além do corpo visto nas mídias, busca-se por uma nudez de protesto, anarquia, choque e deboche a partir de uma estética do escândalo e de superexposição.

Votar nu é em si um ato absurdo por ser uma possibilidade ilegal nas zonas eleitorais, por ocupar o que não se ocupa, por sugerir algo inadequado. Nesta proposta, assumimos o absurdo por meio da nudez que “*não deveria existir*”; que não entra na ditadura do agradável; uma micropolítica de sobrevivência a favor da liberdade do corpo e da existência gritante da corporeidade diversa.

Somos corpos desnudados das amarras sociais e vestimos a camisa de não ter roupas nem tabus.

Ao receber o prêmio do Salão-Residência *Eixo do Fora em 2017-18*, pude investir na produção e distribuição de cartazes, panfletos, adesivos, *buttons* com a frase *VOTE NU* e impulsionar nas redes sociais como uma campanha eleitoral absurda. Foram criados perfis específicos da campanha no Facebook, Instagram e Tumblr, optando por fazer mais postagens na plataforma do Instagram por ser mais popular ao perfil de aderentes da campanha.

https://instagram.com/votenu_ (censurado 1)

https://instagram.com/vote_nu__ (censurado 2)

<https://instagram.com/votenuvotenu> (atual)

https://votenu.tumblr.com_ (censurado)

https://WWW.facebook.com/VOTE-NU-1442691615828811/_

Como proposta para o *Eixo do FORA*, foram feitas instalações nos banheiros do Museu Nacional (figura 4). O banheiro feminino, masculino e de deficientes foram revestidos obsessivamente por cartazes *VOTE NU*. As cabines dos banheiros foram associadas às cabines de votação; nelas, predominavam a palavra *NU*, uma vez que se fica nu para fazer as “*necessidades*”. Em todas as descargas tinham a palavra “*vote*”, já que descarregamos nossos votos nas eleições, na política e nos posicionamentos que tomamos todos os dias.



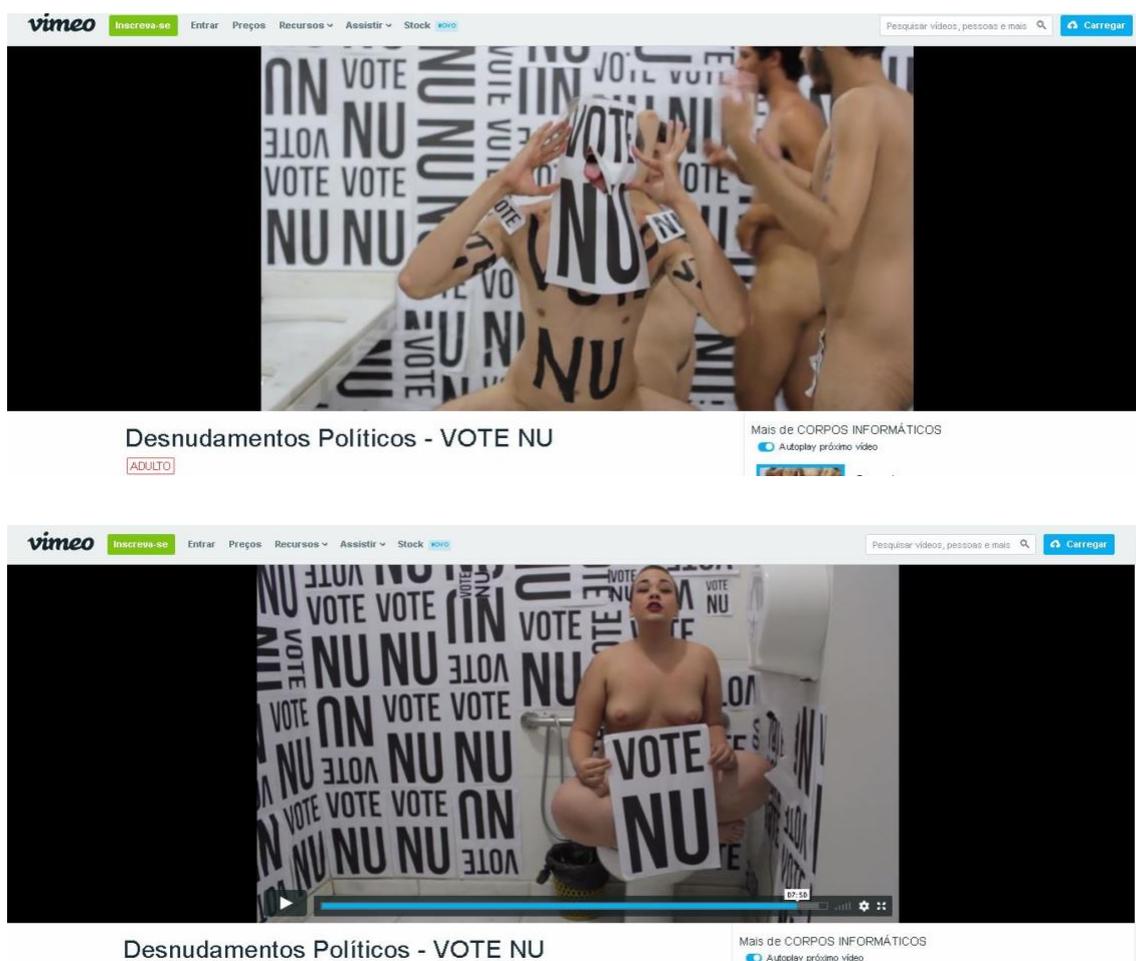


Figura 4: *Desnudamentos Políticos*. Instalação por Natasha de Albuquerque. Exposição *Eixo do FORA*. Museu Nacional da República. <https://vimeo.com/255821740> Brasília, 2017.

A instalação levou o nome de “*Desnudamentos Políticos*” e também foi produzido um vídeo para maior (des)entendimento da campanha (<https://vimeo.com/255821740>). Durante as filmagens, houve um evento evangélico no auditório ao lado informando ser um evento de economia criativa. A produção deste evento desmontou a instalação do banheiro feminino e masculino sem autorização. Tiraram todos os cartazes alegando que iriam “limpar” os banheiros para a utilização do evento deles. Ao esquecerem de “limpar” o banheiro de deficientes, foi possível a continuidade da filmagem sem comprometimento. A pedido da direção do Museu Nacional, os responsáveis do grupo que destruíram a montagem do banheiro feminino e masculino tiveram que arcar com as despesas de reimprimir 1000 cópias dos cartazes que a compunham. Estes cartazes “*novíssimos em folha*” estão sendo espalhados por aí.

O banheiro teve foco por ser um local de nudez cotidiana onde temos a liberdade de expressar tudo o que somos, que ingerimos, tudo o que não digerimos e o que descartamos. Tudo o que “*não se deve ver*” pode ser apreciado no banheiro e logo descarregado nas privadas e pias. As espinhas podem ser exprimidas e podemos analisar nossa pele por inteiro.

O desnudamento de tudo poderia ser um banheiro aberto onde manifesta-se tudo o que é velado mas que faz parte de nossa existência, que compõe nosso corpo, nossos órgãos. O banheiro também se particulariza em um lugar de intimidade, de cuidado, de conversa boa, de reflexão e de autoconhecimento. Podemos fazer festas nos banheiros quando não se têm nada ou nádegas a esconder.

A proposta foi para além do museu e para além do contexto de Salão de Arte. A frase VOTE NU se ausenta de autoria e se lança nas ruas, nas redes sociais por todos que desejam se posicionar sem roupas; gera *mani-festa-ação* e uma nova narrativa política. VOTE NU se massifica, vira *hashtag*, *botton*, adesivo, lambe-lambe, panfleto, praguinha política, foto-performance, tema de carnaval, tema de festa, motivo para tirar as roupa e uma camisa partidária a se (des)vestir. Com a participação de inúmeros iteradores, a campanha roda o Brasil em rizomas no Distrito Federal, Goiás, Macapá, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. Artistas, anarquistas, nudistas e simpatizantes movimentam a campanha espontaneamente espalhando o material gráfico e utilizando a #votenu (figura 5).

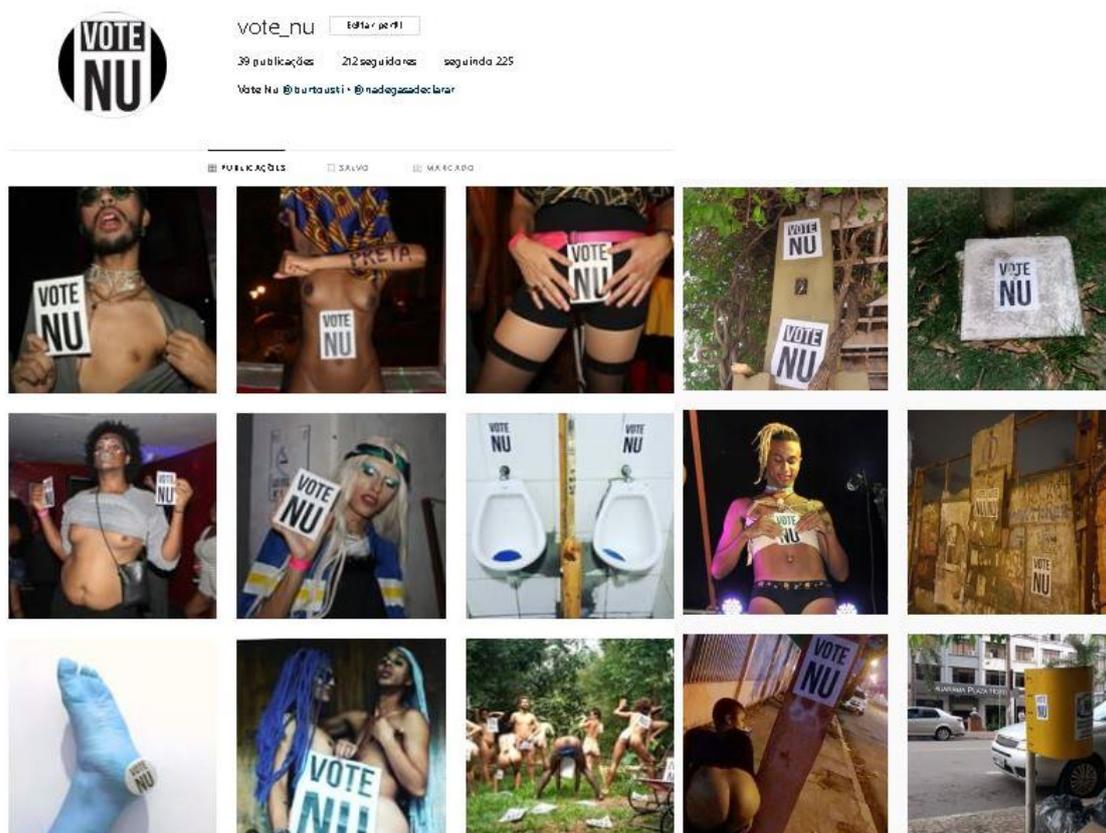


Figura 5: #votenu no Instagram. Postado por perfis diversos. Brasil, 2012 - 2019.

A campanha teve sua maior repercussão na plataforma do Instagram. O perfil oficial @votenu teve bom engajamento e alcance de 3 mil seguidores em 6 meses. O aumento gradual de seguidores também repercutiu no aumento de fotos censuradas. Na política do Instagram, fotos com genitais e mamilos femininos são proibidas. As nádegas são liberadas ficando claro qual é o tipo de corpo que pode aparecer e qual não pode. Corpos gordos, negros, peludos, não binários e são rapidamente deletados pela rede social. Nádegas de mulheres magras não são censuradas.

É de se impressionar o que é categorizado como conteúdo impróprio. A falta de brechas para qualquer tipo de nudez dissonante da indústria de beleza transforma sua existência em pura resistência. É necessária grande força.

Em abril de 2018 o perfil @votenu foi deletado pelo Instagram acusado de ser um “perfil de conteúdo sexualmente sugestivo”, por fazer “solicitação de serviços sexuais” e usar uma “linguagem sexualmente explícita” - segundo o Instagram. É de se questionar o quanto o corpo fora

do padrão de conduta se transforma em pornográfico instantaneamente.

Não adiantou recorrer e não foi possível salvar o conteúdo organizado na *timeline* do @votenu. Porém algumas destas fotos compõe esse artigo sem as tarjas usadas nas redes sociais. As *hashtags* utilizadas pelos perfis dos múltiplos colaboradores continuam disponíveis em redes facilitando a pesquisa, ocupando os espaços virtuais como uma micro-política de resistência e liberdade. Novos perfis são gerados, outras plataformas vão se engajando e o VOTE NU vai se disseminando.

Em uma página ou um banheiro aberto onde tudo é exposto e tudo é possível, declaramos nosso corpo, nossos desejos e a liberdade. Podemos nos desgarrar da arte, podemos nos afirmar nela, podemos ser outra coisa, também; muitas; várias. Estamos em uma poética de atravessamento que não se resguarda em um único local, mas transmuta incessantemente e perde suas medidas. Entre nudismos, avisos, políticas e abismos ouvimos vozes que nos compõe e decompõe a todo momento, nos atravessam e fazem redes. Fazemos parte disso e ao mesmo tempo nos desvencilhamos, nos revoltamos. Em tantas palavras de incompreensão, uma produção contemporânea de nudez resiste e existe em toda e qualquer brecha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Oswald. Manifesto Antropófago. **Revista de Antropologia**, ano 1 n.1. São Paulo, maio 1928.
- AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Tradução: Davi Pessoa. Editora Autêntica, Edição 1, 2014.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução: Fernando Sheibe. 1.ed.; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs- Capitalismo e Esquizofrenia**, vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 1ª ed. Paz e Terra. São Paulo, 2014.
- MANUEL, Antônio. Porque Fiquei Nu. In: **DEPOIMENTOS de uma geração**, 1969-1970. Rio de Janeiro, 1986.
- MEDEIROS, Maria Beatriz de. Performance, Charivari e Política. Revista Bras. In: **Estudos da Presença**. Porto Alegre, v.4, n.1, p.47-59, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>